

Estratégias de outremização em *The Narrative of Jacobus Coetzee*

Elis Regina Fernandes Alves^{1*} e Thomas Bonnici²

¹Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Ruas das Avenças, 539, 87111-575, Jardim Verão, Sarandi, Paraná, Brasil. ²Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: elisregi@hotmail.com

RESUMO. Analisa-se a segunda novela de *Dusklands*, do sul-africano J.M. Coetzee, intitulada *The Narrative of Jacobus Coetzee*, à luz da teoria pós-colonial. O texto narra a expedição frustrada de explorador holandês Jacobus Coetzee às desconhecidas terras da África do Sul, no século XVIII. A aplicação da teoria da outremização revela as estratégias utilizadas para outremizar os nativos, justificar a usurpação das terras e a vingança contra eles. Revela-se o uso de tais estratégias para subjugar o nativo, com o propósito de extrair as riquezas naturais da terra.

Palavras-chave: outremização, pós-colonialismo, Coetzee.

ABSTRACT. *Othering Strategies in The Narrative of Jacobus Coetzee.* The second novella of *Dusklands*, of South African J. M. Coetzee, entitled *The Narrative of Jacobus Coetzee*, is analyzed in the light of post-colonial theory. The text narrates the frustrated expedition of Dutch explorer Jacobus Coetzee to the unknown lands of South Africa in the 18th century. The theory of othering reveals the strategies used to other the natives, to justify the usurpation of the lands and the revenge against them. These strategies were used to subdue the natives with the purpose of extracting the natural wealth of the land.

Key words: othering, post-colonialism, Coetzee.

Problematizando o colonizado

Uma das características da colonização é a objetificação do sujeito colonizado. Antes da chegada do homem branco à sua terra, o sujeito nativo era livre, senhor de seu território, dono de sua vontade, vivendo de acordo com as regras da comunidade na qual vivia. Quando o europeu invade sua terra, quando os colonizadores chegam, esse nativo deixa de ser o sujeito livre que fora e se torna objeto, pois passa a ser dominado, recebe ordens e tem sua vontade cerceada. De que forma ocorre essa objetificação? Pacífica ou violentamente? Como o sujeito colonizado é dominado? Quais seriam as estratégias utilizadas pelos colonizadores para dominar e impor sua vontade? O que leva o homem branco a invadir e subjugar o nativo?

Esse trabalho tem por objetivo a análise das estratégias de outremização e subjetificação do sujeito colonizado, a observação dos meios empregados pelo colonizador para tornar o nativo “outro”, na narrativa principal de *The Narrative of Jacobus Coetzee*, de J. M Coetzee, e verificar como se comporta, quais as reações do branco colonizador quando é subjogado pelos nativos colonizados.

Para a realização desse intento, utilizamos a teoria da outremização e da alteridade, contempladas

pela teoria pós-colonial, com base, entre outros, em Bhabha (1991), Ashcroft (1998) e Bonnici (2000, 2003, 2004 e 2005) para aplicá-las à *The Narrative of Jacobus Coetzee*.

John Maxwell Coetzee (1940) nasceu na África do Sul, foi professor da Universidade da Cidade do Cabo e mora, atualmente, na Austrália. Desde cedo foi influenciado por sua condição de sujeito pós-colonial, já que cresceu em meio aos conflitos sociais e políticos da África do Sul. Essa realidade é evidenciada em seus romances e Coetzee escreve sob fortes sentimentos antiimperialistas. Foi agraciado com diversos prêmios, e em 2003 recebeu o Prêmio Nobel de literatura. Suas obras, *Dusklands* (1974), *In the Heart of the Country* (1977), *Waiting for the Barbarians* (1980), *Life and Times of Michael K* (1983), *Foe* (1986), *Age of Iron* (1990), *The Master of Petersburg* (1994), *Disgrace* (1999), *The Lives of Animals* (1999), *Youth* (2000), *Elizabeth Costello* (2003), entre críticas literárias e outros escritos fazem crítica ao colonialismo e às consequências trazidas aos povos colonizados. De acordo com Bonnici suas obras “São pós-modernas em *ethos*, muito diferentes de outros romances sul-africanos. Elas lidam com uma crítica ao colonialismo e seus efeitos e as restrições históricas e éticas em escritores brancos” (2004, p. 9).

Não é fácil caracterizar a ficção e o estilo peculiar de Coetzee já que é muito diferente dos autores ou autoras sul-africana contemporâneas. Além de ser extremamente conciso e escasso em adjetivos, a sua ficção vai além da mera narrativa e entra num ambiente metaficcional. Quando Nadine Gordimer lhe atribui uma falta de engajamento na causa anti-apartheid, provavelmente não havia entendido que a ficção necessitaria apenas a univocidade para ser efetiva. O estilo de Coetzee, que frequentemente não é classificado nem pós-colonial nem pós-moderno, mostra as várias camadas de leitura que se exige do romance. O romance *Foe* é muito mais de que uma reescrita do clássico e canônico *Robinson Crusôé*, já que revela a impossibilidade de uma escrita “negra” feita por uma narradora branca ou por um autor branco. A língua cortada de Friday indica que a inexistência da escrita negra ocorre porque a fala branca, sem a objetividade que pretende ter, a relega ao silêncio e ao mutismo.

Além disso, Coetzee é mestre em colocar várias narrativas como verdadeiras, as quais subvertem-se umas às outras. Talvez poa inquirir sobre a existência da verdade e o problema da representação, *The Narrative of Jacobus Coetzee* é uma narrativa que consiste num conjunto de três versões sobre o mesmo episódio, cada qual é autônoma, mas quebra a hegemonia das demais. Recentemente Coetzee utilizou a mesma estratégia quando publicou *The Lives of Animals* e *Elizabeth Costello*, respectivamente publicados em 1999 e 2003. Nesses dois romances Coetzee continua um programa de resistência contra o controle representativo no sentido semiótico e político da palavra representação.

O objeto de estudo desse trabalho é o primeiro romance de Coetzee, *Dusklands*, de 1974. Mais especificamente, tratar-se-á da segunda novela desse romance, chamada *The Narrative of Jacobus Coetzee*, história sobre a invasão holandesa à África do Sul em 1760. Por se tratar de um texto cuja crítica ao domínio branco em relação aos povos negros fica evidente bem como a arrogância do homem branco e seu sentimento de superioridade, é que se justifica o uso da teoria pós-colonial. Tal teoria engloba diversos aspectos passíveis de observação no contexto colonial e pós-colonial, buscando a compreensão das condições reais das nações colonizadas e dominadas pelas metrópoles que intentaram as invasões coloniais. De acordo com Bonnici:

A crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno

localizado. Essa abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; o auto questionamento do crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêntricas; engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da sua história, da sua voz, e para a abertura das discussões acadêmicas para todos; uma desconfiança sobre a possível institucionalização da disciplina e sua apropriação pela crítica ocidental, neutralizando a sua mensagem de resistência. (2000, p. 10).

Em meio a toda essa abrangência da teoria pós-colonial, o enfoque será dado às estratégias de outremização e objetificação empreendidas pelo colonizador. Devido ao fato de não haver tradução da obra analisada em língua portuguesa, as traduções serão realizadas por nós, para que haja a melhor compreensão dos exemplos citados.

A outremização do colonizado

A teoria da outremização diz respeito à diferenciação entre sujeito colonizado e colonizador, ao fato de haver diferença, diversidade entre ambos. É importante diferenciarmos aqui “alteridade” de “outremização”. Ambos os termos podem ser aplicadas nessa análise, porém é mais conveniente falarmos aqui de outremização, já que observaremos as suas estratégias, conforme a define Ashcroft:

Este termo foi cunhado por Gayatri Spivak para o processo pelo qual discurso imperial cria seus ‘outros’. [...] O outro é o excluído ou sujeito dominado criado pelo discurso de poder. A outremização descreve os vários modos pelos quais o discurso colonial produz seus sujeitos. Na explicação de Spivak, outremização é um processo dialético porque o colonizador Outro é estabelecido ao mesmo tempo em que seus colonizados outros são produzidos sujeitos (1998, p. 171).

A teoria da outremização é que nos ajudará a perceber a construção dos nativos sul-africanos como outros, objetos, não mais sujeitos. A alteridade também pode ser utilizada nessa análise, porém seu significado é outro, como o define Bonnici: “Alteridade (lat. *alteritas*) significa ser o outro, ser diferente, manter a diversidade. [...] o termo alteridade refere-se ao outro engajado num contexto político, cultural, religioso e lingüístico” (2005, p. 15).

A diferenciação entre Outro/ outro deriva da filosofia existencial de Sartre, mas, mais notadamente, da análise de Freud e, posteriormente de Lacan, a respeito da formação da subjetividade,

como explica Aschroft (1998, p. 1690). A utilização dessa diferenciação pela teoria pós-colonial refere-se à distinção entre colonizador e colonizado, metrópole e colônia, branco e negro etc. O Outro se refere ao centro imperial, ao discurso do colonizador, à metrópole e ao colonizador branco, europeu, superior; o outro se refere àquele que é dominado pelo Outro, é a colônia, o colonizado, subalterno, inferior. A outremização diz respeito à maneira pela qual o discurso colonial produz seus sujeitos. O Outro (colonizador) estabelece e cria o outro (colonizado) ao inferiorizá-lo e considerá-lo “diferente”. Assim o define Ashcroft:

Este Outro pode ser comparado ao centro imperial, discurso imperial, ou o próprio império, de dois modos: primeiramente, provê as condições nas quais o sujeito colonizado ganha um senso de sua identidade como, de alguma forma, ‘outro’, dependente; em segundo lugar, ele se torna o ‘pólo absoluto de endereço’, o viga-mento ideológico no qual o sujeito colonizado pode talvez entender o mundo (1998, p. 170-1).

O colonizador relega o colonizado à condição de outro, inferior, subalterno, através da criação de estereótipos, da degradação do nativo. Assim o diz Hawthorn: “Caracterizar uma pessoa, grupo, ou instituição como ‘outro’ é colocá-los fora do sistema de normalidade ou convenção para o qual ele pertence” (2003, p. 249). Há o estabelecimento de um padrão e aqueles que não o seguem são postos à margem, considerados ‘outros’. Várias são as formas de se outremizar o nativo. Como já afirmado, essa outremização, essa objetificação só começa a existir quando o branco invade a terra alheia e impõe suas vontades.

O negro, como colonizado, é criação da Europa. Antes de ter contato com o branco, o colonizado/ o negro não se sente inferior a nenhuma outra raça. Toda a crise identitária surge da negação dos valores humanos e culturais imposta pela colonização (Figueiredo, 1998, p. 64).

A outremização do nativo realiza-se devido ao sentimento de superioridade que domina o comportamento do europeu. Tal sentimento advém da própria filosofia ocidental, que se baseia em considerações binárias que estabelecem oposições hierárquicas na sociedade. É devido a esse binarismo que o europeu colonizador se sente superior e é arrogante com o nativo.

A metafísica ocidental é baseada numa epistemologia construída sobre oposições hierárquicas onde, por exemplo, o masculino ocupa uma posição privilegiada. O binarismo existe no esquema seguinte: o ser/ o outro; sujeito/ objeto; presença/ ausência; ordem/ caos; homem/ mulher. Quando o colonialismo coloca o nativo no pólo

negativo da hierarquia e o associa à categoria de não europeu, ele estabelece a sua centralidade e o seu poder (Bonnici, 2005, p. 17).

Várias são as maneiras de se objetificar e colocar o nativo na alteridade. De acordo com Spivak (apud Bonnici) há três tipos de outremização: “1) exploração física do território não europeu pelo qual o Outro, representante do poder colonizador, produz o outro; 2) a denigração do nativo quando é chamado de preguiçoso, ameaçador, depravado, mentiroso, pérfido, bruto, selvagem etc. 3) o hiato entre o europeu (“nós”) e o outro (“eles”)(2005, p. 47). Uma das estratégias utilizadas para a outremização é a degradação dos costumes nativos através do discurso. Bhabha afirma que: “O objetivo do discurso colonial se concentra em construir o colonizado como população de tipo degenerado, tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais” (1991, p. 184).

Remontando à idéia de discurso como poder, vinda de Foucault, o pós-colonialismo também crê nessa visão de discurso e poder entrelaçados, vê o discurso colonial como um dos mais fortes meios de objetificação do nativo.

Gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual diante da “nudez” dos ameríndios; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres. Nesses casos, estabeleceu-se uma relação de poder entre o “sujeito” e o “objeto”, a qual não reflete a verdade (Bonnici, 2003, p. 205).

Ao degradar-lhe a cultura, o colonizado legitima a usurpação. Se o nativo é inculto, pobre, pagão, degenerado sexual, se é, enfim, inferior, então o colonizado justifica a colonização e a imposição de sua crença, de sua cultura, de sua língua, de seus costumes. Produzindo conhecimentos estereotipados sobre o colonizado, o discurso colonial “justifica” a violência e a exploração.

O colonizador faz a história, escreve a história. Mas esta é a história de seu país, não a da colônia. Como afirma Albert Memmi, escritor tunisiano contemporâneo de Fanon, o colonizador sabe que ele é um usurpador, pois sua posse da terra conquistada pela força não é legítima. [...] ele enaltece suas qualidades, os méritos eminentes da civilização que representa e insiste sobre os defeitos, os deméritos do povo conquistado, seu atraso, sua pobreza, enfim, sua inferioridade (Figueiredo, 1998, p. 65).

Também a imposição da força física é um modo de objetificar o colonizado, que se vê acuado pela violência e é, assim, subjugado. Muitas colonizações marcaram-se fortemente pela irascível violência dos colonizados, que além de matar os índios e os negros

atrozmente, violentavam as mulheres, destruíam a tribo e roubavam o que de valor pudessem encontrar. Todorov (1991) descreve a dizimação dos índios americanos pelos espanhóis:

Sem entrar em detalhes, e para dar somente uma idéia global [...], lembraremos que em 1500 a população do globo deve ser da ordem de 400 milhões, dos quais 80 habitam as Américas. Em meados do século XVI, desses 80 milhões, restam 10. Ou, se nos restringirmos ao México: às vésperas da conquista, sua população é de aproximadamente 25 milhões; em 1600, é de 1 milhão.

Se a palavra genocídio foi alguma vez aplicada com precisão a um caso, então é esse. [...] Nenhum dos grandes massacres do século XX pode comparar-se a esta hecatombe (1991, p. 129).

A violência leva o nativo a obedecer para não perder a vida. Objetificado, muitas vezes é escravizado, sentindo-se diminuído, inferior, ao ter sua antiga posição de sujeito usurpada.

Existe também o uso do discurso sedutor e amigo. Novamente retomamos o uso do poder do discurso, nesse caso, para convencer. Tal estratégia foi bastante utilizada pelo desbravador espanhol Cabeza de Vaca, quando passou no Brasil em busca do Rio Iguaçu. Ingênuos e de boa índole, os índios eram convencidos a ajudar o invasor. Também a concessão de presentes aos indígenas facilmente os convencia a tratar como amigos os exploradores. Esse uso do discurso como meio de convencimento é perceptível na peça *A tempestade*, de Shakespeare, que, à luz da teoria pós-colonial evidenciou a habilidade do protagonista Próspero em convencer o nativo Caliban a mostrar-lhe os perigos da ilha, bem como as fontes de frutas e água.

Feitas tais considerações observamos agora como se dá a outremização do colonizado e as estratégias usadas em *The Narrative of Jacobus Coetzee*.

Estratégias de outremização em the narrative of Jacobus Coetzee

The Narrative of Jacobus Coetzee é a segunda novela de *Dusklands*, primeiro romance de J. M. Coetzee, de 1974. A primeira novela, chamada *The Vietnam Project*, não será aqui englobada. Trataremos somente da segunda, cuja história trata da exploração e conquista da África do Sul por holandeses, em 1760.

The Narrative of Jacobus Coetzee é narrada em primeira pessoa, por Jacobus Coetzee, fazendeiro, caçador e explorador holandês, morador da África do Sul, que, autorizado pelo governador, realiza uma expedição a territórios ainda desconhecidos pelo homem branco para, supostamente, caçar elefantes.

A novela divide-se em três partes:

1) A narrativa principal inclui: *The Journey beyond the Great River* (Viagem além do Grande Rio); *Sojourn in the Land of the Great Namaqua* (Viagem na terra dos Grandes Namaqua); *Second Journey to the Land of the Great Namaqua* (Segunda viagem à terra dos grandes Namaqua);

2) *Afterword*; mostra o relato da mesma história feito por um (fictício) descendente de Jacobus Coetzee, anos depois, descrevendo-o como um heróico desbravador;

3) *Deposition* é o relato oficial feito por Jacobus, que oculta a verdade, não mostra sua vingança, não descreve as barbáries por ele cometidas.

Este trabalho somente tratará da narrativa principal. A segunda parte, *Afterword* é narrada, supostamente, pelo pai do tradutor, S. J. Coetzee (personagem fictício), que descreve o povo Namaqua e, aos olhos do povo holandês, o importante papel exercido por Jacobus Coetzee em sua expedição ao interior da África. É importante observar que tais personagens, embora possuam o mesmo sobrenome do escritor da obra, são todos fictícios. O autor cria-os, dando a entender que foram seus antepassados, pessoas que realmente existiram, talvez para dar maior veracidade aos fatos contados e assim, impressionar mais ao leitor. Mas, não se pode esquecer que essa é uma obra de ficção e esse é um artifício utilizado pelo autor. A terceira parte, *Deposition*, funciona como um apêndice. É o relato oficial da expedição, narrativa que teria sido feita por Jacobus Coetzee ao *Political secretariat* do Cabo da Boa Esperança.

The Narrative of Jacobus Coetzee trata da expedição realizada por Jacobus Coetzee, no século XVIII, à terra dos Grandes Namaqua (nativos sul-africanos), com o propósito de caçar elefantes. Jacobus leva consigo seis *Hottentots* (nome genérico dados aos nativos já colonizados), trabalhadores de sua própria fazenda, para ajudá-lo na expedição. A jornada é longa e árdua. Ao chegar à terra dos Grandes Namaqua, Jacobus tenta ser cordial, para receber informações e oferece presentes. É o primeiro encontro da tribo com o homem branco. Mas não lhes ganha a simpatia. Jacobus tem seus objetos roubados e cai doente, julgando-se envenenado. De seus servos, o único que lhe continua fiel é Jan Klawer, que junto com nativos da tribo, ajuda-o a recobrar-se da enfermidade. Jacobus decide voltar, sua vida é poupada. Klawer o acompanha, enquanto os antigos servos decidem ficar com os Grandes Namaqua.

A viagem de volta é ainda mais dura. Sem armas, sem comida, sem forças, a jornada é lenta. Klawer cai doente e é deixado, pois sua morte era inevitável.

Jacobus chega à sua fazenda a doze de outubro de um mil setecentos e sessenta.

A segunda expedição efetivada por Jacobus Coetzee e um grupo de brancos é a vingança contra a tribo que não o tratara como ele julgava dever ser tratado. O ego ferido de Jacobus pede vingança e retaliação. Ele promove um massacre naquela tribo em que outrora fora roubado e medicado por mãos nativas. A narração continua em primeira pessoa e Jacobus detalha a destruição da vila. A vingança maior é realizada contra seus ex-servos Hottentots, que o haviam abandonado na viagem anterior. A cada um deles é dedicada uma especial “atenção”. Ele ainda rouba o gado, queima as cabanas e mata todos os habitantes do local.

Por ser narrada em primeira pessoa pelo próprio protagonista *The Narrative of Jacobus Coetzee* oferece maior veracidade a respeito dos fatos narrados. É o próprio Jacobus quem descreve os seus atos, por isso há maiores detalhes explicitados de maneira fria e objetiva e os meios utilizados para colocar o nativo na alteridade tornam-se, assim, evidentes.

Já no início da narrativa, antes mesmos de iniciar a jornada, percebemos que Jacobus tem internalizada a filosofia de oposições binárias, pois ao descrever os motivos sul-africanos, caracteriza-os degradantemente, como observamos no trecho a seguir:

O *Bushman* é uma criatura diferente, um animal selvagem com a alma de um animal. Às vezes, nas estações primaveris, babuíños descem das montanhas e para agradar seu apetite selvagem trucidam as ovelhas, arrancam fora os focinhos dos cordeiros, abrem as gargantas dos cachorros se eles interferirem. Então você tem que caminhar ao redor matando seu próprio rebanho, cem cordeiros de cada vez. *Bushmen* têm a mesma natureza. Se eles têm rancor contra um fazendeiro, eles chegam à noite, roubam quantas cabeças eles podem comer, e mutilam o resto, cortam pedaços de sua carne, furam seus olhos, cortam os tendões de suas pernas. Insensíveis como babuíños eles são, e o único modo de tratá-los é como bestas (Coetzee, 1983, p. 58).

Como afirmamos anteriormente, ao utilizar um discurso que degrada o nativo o colonizador tenta justificar a colonização, a invasão à terra alheia. O trecho acima evidencia como o colonizador caracteriza os nativos, afim de outremizá-los, comparando-os a macacos, a bestas, legitimando assim a usurpação.

A pressão, o silêncio, a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores. Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominados. O colonizador, seja espanhol, português,

inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. É a dialética do sujeito (agente) e do objeto (o outro, subalterno) (Bonnici, 2003, p. 212).

É o que se evidencia na descrição feita por Jacobus. Ao dizer que os nativos devem ser tratados como bestas, que são como macacos, como animais, eles os considera objetos, seres inferiores, que por serem assim, selvagens, merecem tal tratamento. O trecho a seguir evidencia a consideração do nativo como diferente, outro, inferior: “Os *Bushman* não podem resistir ao tabaco”[...] Eles são como cães [...] Porque eles não são como nós, eles não cuidam de seus idosos, quando você não pode manter o ritmo da tropa, eles deixam um pouco de comida e água e o abandonam aos animais” (Coetzee, 1983, p.58-59).

Ao caracterizar os nativos como “cães”, “viciados em tabaco”, “canibais”, o colonizador está construindo estereótipos sobre o sul-africano, para, novamente, justificar a maneira como os trata. O discurso degradante mostra que o nativo é outro, o que se evidencia na comparação sobre o cuidado com os mais velhos. Ao dizer “eles não são como nós, eles não cuidam de seus idosos”, o colonizador holandês tenta mostrar que eles são bárbaros, bestiais, que são outros, diferentes e que, por isso, merecem e devem ser tratados de forma diferenciada. Essa visão de branco, européia, é a visão binária, intolerante e arrogante daquele que critica e não aceita a cultura alheia, sem sequer pensar em entendê-la. Essa utilização do discurso para depreciar é uma estratégia, das mais utilizadas, para outremizar o colonizado.

Um fato marcante em grande parte das colonizações é a criação do estereótipo de canibal aos nativos. O nome canibal remonta a chegada de Colombo ao Caribe e, desde então, passou a caracterizar negativamente os habitantes locais e, depois, espalhou-se para grande parte dos nativos de outras regiões. Novamente, ao criar o estereótipo de “comedor de carne humana” ao nativo, o colonizador justifica seus atos de imposição de sua cultura e seus costumes aos nativos.

O discurso colonial se volta também para o aviltamento da mulher sul-africana como vemos no trecho abaixo:

Ela está completamente descartável. Ela é algo dado por nada, de graça. Ela pode chutar e pode gritar, mas ela sabe que está perdida. Essa é a liberdade que ela oferece, a liberdade do abandonado. Ela não tem nenhum zelo, nem mesmo o conhecido zelo para a vida. Como ela morreu, ela está inundada com teu desejo. A resposta dela para você é absolutamente congruente com teu desejo. Ela é o último amor que incorporou teus próprios

desejos, alienado em um corpo estranho e que morreu esperando por teu prazer (Coetzee, 1983, p. 61).

A descrição da mulher rebaixa-a em nível de um objetivo descartável. É essa a condição necessária ao colonizador, para desfrutar de seu corpo, que parece não lhe pertencer. Sabemos que a condição da mulher colonizada é ainda pior que a do homem colonizado. Isso porque a mulher é, na verdade, duplamente colonizada, pois, além de sofrer a colonização européia, também é objetificada pela sociedade patriarcal na qual vive. Ashcroft afirma que “Patriarcalismo e imperialismo podem ser vistos como formas análogas de dominação sobre aqueles que eles subordinam” (1998, p. 101).

A descrição de Jacobus manifesta a visão da mulher como objeto, como ser disponível para o “uso” do branco europeu. Se, na sociedade patriarcal, a mulher já era tida como inferior, com a colonização ela é rebaixada ainda mais.

Embora os descrevendo de forma degradante, a estratégia inicial de Jacobus, ao chegar à tribo dos “Hottentots”, não é a violência e sim o discurso sedutor, como mostra a passagem abaixo, no discurso feito por Jacobus ao Hottentots:

Nós viemos em paz. Nós trouxemos presentes e promessas de amizade. Nós éramos simples caçadores. Nós buscamos permissão para caçar o elefante na terra dos Namaqua. Nós tínhamos vindo de uma grande distância do sul. Os viajantes tinham falado da hospitalidade e generosidade dos grandes povos Namaqua, e nós tínhamos vindo prestar nossos cumprimentos e oferecer nossa amizade. Em nosso vagão nós trouxemos presentes que nós entendemos que o povo Namaqua gostava, tabaco e rolos de cobre. Nós buscamos água e pasto para nossos bois, que tinham sido debilitados por uma viagem árdua. Nós desejamos comprar bois frescos. Nós pagaríamos bem (Coetzee, 1983, p. 66).

Como se nota, Jacobus diz ter vindo em paz, descreve-se como “simples caçador de elefantes”, traz presentes, oferece “amizade”. O discurso é evidentemente aliciador, na tentativa de evitar o conflito e conquistar-lhes a confiança, o que seria muito mais vantajoso para ele, que assim, teria a ajuda dos nativos que conheciam muito bem a terra e o terreno.

O uso desse tipo de estratégia também foi muito comum na América do sul, principalmente no Brasil. Na carta de Pero Vaz Caminha já havia a descrição dos “presentes” oferecidos aos índios para conquistar-lhes a simpatia sem usar de força física. Mas, quando o discurso pacífico não funcionava, a violência toma seu lugar, pois o que sempre importou ao colonizador foi a extração das riquezas naturais da terra invadida, independentemente da cooperação ou assentimento dos nativos. Tanto em

África quanto em outros lugares colonizados, a força física foi imposta com a conseqüente resistência dos nativos, que lutaram para tentar repelir o que lhes era imposto. Todorov descreve a destruição em massa dos nativos Pré-colombianos no México quando sua terra foi colonizada. O trecho abaixo, extraído de *A Conquista da América*, exemplifica a violência contra os nativos, relatada por Bartolomeu de Las Casas:

Um espanhol, subitamente, desembainha a espada (que parecia ter sido tomada pelo diabo), e imediatamente os outros cem fazem o mesmo e começam a estripar rasgar e massacrar aquelas ovelhas e aqueles cordeiros, homens e mulheres, crianças e velhos, que estavam sentados tranquilamente, olhando espantados para os cavalos e para os Espanhóis. Num segundo, não restam sobreviventes de todos os que ali se encontravam. Entrando então na casa grande, que ficava ao lado, pois isso acontecia diante da porta, os espanhóis começaram do mesmo jeito a matar a torto e a direito todos os que ali se encontravam, tanto que o sangue corria de toda parte como si tivessem matado em rebanho de vacas (apud Todorov, 1991, p. 136-7).

A imposição através da violência é um meio bastante eficaz para relegar o nativo à alteridade, pois com tamanha destruição os nativos se intimidavam e não mais se rebelavam, com medo de ter o mesmo destino. Todorov explica os motivos para tal violência:

Quais são os motivos imediatos, que levam os espanhóis a essa atitude? Um é, incontestavelmente, o desejo de enriquecer, rapidamente e muito, o que implica tratar com negligência e bem estar e até a vida dos outros: torturam para arrancar o segredo sobre os esconderijos dos tesouros; exploram para obter benefícios. [...] É tudo como se os espanhóis encontrassem um prazer intrínseco na crueldade, no fato de exercer poder sobre os outros, na demonstração de sua capacidade de dar a morte (1991, p. 138-9).

Em *The Narrative of Jacobus Coetzee* a violência é utilizada por Jacobus para a vingança que realiza contra os nativos. Jacobus não recebe o tratamento que julgava merecer e volta para sua fazenda. Porém, antes mesmo de recuperar-se da enfermidade que tivera, já demonstra sua crueldade. Ao ter suas roupas roubadas por garotos nativos ele revida:

Rugindo como um leão e envolvido em névoa como Afrodite eu recaí sobre eles. Minhas garras limpavam orlas de pele e descarnaram suas costas. Um punho volumoso estrondou um no chão. Recai sobre Jeová, e enquanto seus pequenos colegas se espalharam nos arbustos e se reagruparam, eu moí a face dele nas pedras, puxei-o em posição vertical, chutei-o para baixo (com a bola de meu pé, para que eu não quebrasse o dedo do pé), puxei-o para cima, chutei-o embaixo, e assim por

diante, gritando enquanto no Hottentot mais sujo eu poderia evocar conjurações aos companheiros dele para voltar e lutar como homens (Coetzee, 1983, p. 90).

A crueldade parece intrínseca ao colonizador que, após perceber que sua estratégia de usar um discurso aliciador falha, parte para a força bruta. Após sair vivo da tribo dos Hottentots, por clara vontade dos nativos, Jacobus demonstra sua arrogância: “Eu estou entre vocês, mas eu não sou um de vocês. Eu me sentia tranquilo e alegre. Eu estava partindo. Eu não tinha falhado, eu não tinha morrido, então eu tinha ganhado” (Coetzee, 1983, p. 92). Jacobus não se rebaixa e, durante a viagem de volta, planeja a vingança. Não admite, em momento algum, estar errado, mesmo tendo a vida poupada após entrar em território alheio. A decisão da vingança está tomada. “A mesma ocasião pode em outro momento iniciar uma competição completamente diferente entre eu e o universo à minha volta, no qual eu poderia recrutar uma força expedicionária e retornar em triunfo para castigar meus predadores e recuperar minha propriedade” (Coetzee, 1983, p. 98). Outrossim, a vingança ocorre com requintes de crueldade. A outremização ocorre pela destruição da tribo, como se ela fosse justificável, como se Jacobus fosse uma vítima de bárbaros. Mata todos os seus antigos servos. Assim ele descreve a violenta vingança: “Por meses eu tinha me nutrido para este dia, o qual eu tinha povoado com retribuição e morte. Neste dia eu voltaria como uma nuvem de tempestade projetando a sombra de minha justiça em cima de um pedaço pequeno da terra” (Coetzee, 1983, p. 101).

A imposição da violência faz com que Jacobus se sinta superior. Novamente, essa estratégia é de outremização, de colocar o colonizador em um patamar superior ao do nativo. Se não o consegue de uma forma, emprega todos os meios para conseguir subjugar a qualquer custo. Descreve cruelmente as mortes dos ex-servos, a destruição das cabanas, as mortes dos outros nativos e sente-se calmo e feliz. Por fim, tenta ainda justificar as atrocidades cometidas:

Através de suas mortes eu que, depois de ser expulso, tinha vagado o deserto como um símbolo pálido, novamente afirmei minha realidade. Não mais que qualquer outro homem eu sinto o gosto da matança; assumi esse dever de eu puxar o gatilho, executando este sacrifício para mim e para meus compatriotas, que existem, e cometendo no povo escuro os assassinatos que nós, todos, desejamos. Todos eles são culpados, sem exceção. Eu incluo os *Hottentots*. Quem sabe por quais crimes inimagináveis do espírito eles morreram, através de mim? O julgamento de Deus é irrepreensível e incompreensível. A clemência dele não depende do ao

mérito. Sou uma ferramenta nas mãos da história (Coetzee, 1983, p. 106).

Como vimos, são várias as estratégias utilizadas para a outremização do nativo. O colonizador não aceita ser rebaixado. O binarismo lhe é inerente, daí seu sentimento de supremacia. Ao considerar o colonizado como “outro”, o colonizador pensa ter encontrado a justificativa para invadir, apropriar-se e vingar-se, pois se o colonizado é “outro”, é diferente, é inferior, ele não tem o direito de rebelar-se contra o que lhe é imputado. Novamente, a visão binária toma conta dos olhos do colonizador e o nativo é outremizado.

Conclusão

Essa pesquisa leva-nos a perceber como o colonizador utiliza-se da degradação do colonizado para justificar seus atos covardes e atrozes. Ao julgar-se superior devido à raça e etnia, à sua cultura ocidental, à sua religião cristã, o colonizador transfere ao colonizado as características negativas, ou seja, de inculto, pagão, bárbaro, enfim, inferior. Transformando o nativo em “outro”, o colonizador não aceita ser rebaixado, mesmo estando em óbvia desvantagem, não aceita ser igual a esse “outro”. Parece que o sentimento de superioridade é sua característica inerente. A arrogância do europeu em relação à raça negra mostra como a outremização do nativo legitima-lhe as ações de invasão, exploração e domínio do território sul-africano. Ao observarmos as estratégias de outremização empregadas pelo colonizador, vemos que o nativo é posto na alteridade para que o branco legitime a usurpação de sua terra. Vimos que a ganância e a arrogância inerentes à sua visão binária levam o colonizador a impor sua vontade sobre os colonizados, mesmo que para tal intento precise usar de violência, matar e escravizar.

A criação dos estereótipos de incultos, pagãos, negros, bárbaros, selvagens é a estratégia para a subversão. O conceito de missão civilizadora pode ser aplicado para entender de que maneira ocorreu a outremização. Ao transferir para o nativo as características acima detalhadas, o colonizador procura justificar a colonização. Com o intuito de levar a ação civilizadora a esses povos “incultos”, os colonizadores escondiam a real intenção de exploração das riquezas da terra. A missão civilizadora, empreendida por protestantes e católicos na África, América e Ásia, utilizou-se dos estereótipos criados sobre o nativo para justificar a imposição dos valores europeus. Não havia tolerância à diversidade e sua exclusão é justificada.

Tais atos tentam mascarar o sentimento

capitalista que dominava as colonizações. O desejo das civilizações européias era enriquecer extraindo as riquezas naturais das terras colonizadas e utilizando a mão-de-obra escrava. Ao criar estereótipos sobre o nativo, o colonizador consegue aplicar nele a insígnia de “inferior” e, assim, explora sua capacidade produtiva. A “missão” do poder colonial e a busca às riquezas, se exacerbariam mais tarde, levando o *Apartheid* à África do Sul e instalando a situação insustentável de separação entre negros e brancos.

Ao incutir-se dos estereótipos criados pela missão civilizadora, ao perder a auto-estima e aceitar-se como inferior, o nativo “é levado a renegar a sua família, os seus valores, as suas tradições culturais, que ele, naturalmente, passou a admirar (admiração mesclada com ressentimento)” (Figueiredo, 1998, p.66). Ao tentar copiar o colonizador, o colonizado assume os hábitos alheios, embora a mímica “possa ser altamente subversiva [...] produza uma racha na certeza imperial de que a dominação colonial mantém completo domínio sobre o colonizado” (Bonnici, 2005, p.41). Uma forma de mímica é a escrita pós-colonial, que tenta reagir denunciando os problemas trazidos pela colonização.

Observamos também que houve o revide, a resistência, tanto do holandês Jacobus, quanto dos nativos *Hottentots*. A resistência pode ocorrer de forma violenta, pela luta, ou de forma não violenta, pela transformação. Enquanto os nativos utilizam essa última para subverter a força do colonizador, ao não cuidar muito bem da doença de Jacobus, ao não oferecer boa comida, o holandês colonizador utiliza a força armada para vingar-se. Volta à tribo, munido de armas e homens e dizima a todos. A resistência transformadora é a mais comum entre os nativos, que podem usar a língua e a escrita do colonizador para retrucar. Já o colonizador utiliza-se sempre da resistência armada, devido a seu efeito imediato e por justificar tais atos com a caracterização estereotipada dos nativos, por usar a religião como “desculpa” para vingar-se dos “pagãos”.

Não discutimos aqui a segunda e a terceira parte de *The Narrative of Jacobus Coetzee*, *Afterword* e *Deposition*. *Afterword* é o relato da mesma história contada por um fictício descendente de Jacobus. *Deposition* contém o relato oficial de Jacobus, após a chegada da expedição. Enquanto a narrativa

principal, em primeira pessoa, contada por Jacobus, revela a verdade sobre a expedição, as outras partes são relatos que escondem essa verdade. *Afterword* revela a visão idealizada que permaneceu de Jacobus, a visão mítica que o caracteriza como um desbravador heróico. *Deposition* conta uma história falseada, o relato oficial de Jacobus, que omite as mortes, as atrocidades. Isso pode ser muito mais abrangido. Por que cada uma dessas partes conta de forma diferenciada a mesma história? As diferenças nesses três relatos devem ser analisadas e seus motivos compreendidos, para que seja revelada a fragmentação do colonizador e seu discurso.

Referências

- ASHCROFT, B. *et al.* *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 1998.
- BHABHA, H.K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H.B. de. (Org.) *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 177-203.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialista. In: BONNICI, T. ZOLIN, L.O. (Ed.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003. p. 223-229.
- BONNICI, T. The contemporary post-colonial novel in English. *Acta Scientiarum*. Maringá, v. 26, n. 1, p. 1-22, 2004.
- BONNICI, T. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- COETZEE, J.M. The Narrative of Jacobus Coetzee. In: *Dusklands*. Harmondsworth: Penguin Books, 1983. p. 55-125.
- FIGUEIREDO, E. Frantz Fanon e a psicopatologia do negro. In: *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: Eduff, 1998. p. 63-74.
- HAWTHORN, J. *Glossary of contemporary literary theory*. London: Arnold, 2003.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Received on January 27, 2004.

Accepted on March 09, 2005.